



REVISTA DA ANINTER-SH

Volume 2, 2025 – Artigo: 01

ISSN: 2965-954X

Received: 21/04/2025

Accepted: 07/09/2025

D.O.I. <http://dx.doi.org/10.69817/2965-954X/v2a4>

A MAGIA E A MÍSTICA DAS ÁRVORES SAGRADAS: ENTENDENDO SUA IMPORTÂNCIA NA MITOLOGIA E RELIGIÃO

THE MAGIC AND MYSTIQUE OF SACRED TREES: UNDERSTANDING THEIR IMPORTANCE IN MYTHOLOGY AND RELIGION

Eraldo Medeiros Costa Neto,

Doutor em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar, São Paulo

eralmcosta@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0278-1974

Ana Cecília Estellita Lins,

Mestre em Literatura e Interculturalidade, POSLLI/UEG

linsanacec@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0678-6801

Resumo

Presente em diversas culturas ao redor do mundo, a árvore é frequentemente vista como um símbolo de vida, crescimento, renovação e conexão entre o céu e a terra. Sua importância transcende o físico, adentrando o reino do sagrado, desempenhando um papel central nas tradições espirituais de diferentes povos. Em tempos modernos, essa reverência pelas árvores se manifesta em movimentos ambientais que buscam proteger florestas antigas e espécies ameaçadas. Neste artigo, exploraremos, de maneira breve, a magia e a mística das árvores sagradas e como elas se entrelaçam com a mitologia e a religião de diversas civilizações. Ao entendermos e respeitarmos a mística das árvores sagradas, somos lembrados da importância de viver em harmonia com a natureza e de reconhecer a sacralidade que permeia o mundo natural.

Palavras-chave: etnobotânica; fitolatria; conexão humanos-plantas; patrimônio biocultural.

Abstract

Present in many cultures around the world, trees are often seen as symbols of life, growth, renewal, and the connection between heaven and earth. Their significance goes beyond the physical, extending into the sacred realm, where they play a central role in the spiritual traditions of diverse peoples. In modern times, this reverence for trees is reflected in environmental movements that aim to protect ancient forests and endangered species. In this article, we will briefly explore the magic and mystique of sacred trees and their connection to the mythology and religion of various civilizations. By understanding and honoring the mystique of sacred trees, we are reminded of the importance of living in harmony with

nature and recognizing the sacredness that pervades the natural world.

Keywords: ethnobotany; phytolatry; human-plant connection; biocultural heritage.

Introdução

Verde conexão divina¹

Terra sagrada, mãe da vida,
Em teu ventre, tudo é guarida.
Raiz e folha, flor e fruto,
Conectam o espírito ao absoluto.

Águas puras, vento suave,
Que a vida floresça, que o amor não acabe.
Em cada planta, um sussurro divino,
Cuidar da Terra é nosso destino.

Luz que brilha, verde que cresce,
No ciclo eterno, a alma enobrece.
Que sejamos um com a criação,
Na harmonia perfeita da nossa união.

As árvores são entidades silenciosas e majestosas que há muito capturam a imaginação e o espírito da humanidade (Durant, 2002). Elas desempenham um papel simbólico sagrado, o qual está presente em quase todas as religiões arcaicas (Frazer, 1982; Brosse, 1989; Dumas, 2007). Mircea Eliade nos diz: “É devido ao seu poder, é devido ao que ela revela (e a ultrapassa) que a árvore se converte em objeto religioso. Pela sua simples presença (o poder) e pela sua própria lei de evolução (a regeneração), a árvore repete o que, para a experiência, é o Cosmos” (Eliade, 1949, p. 132).

É com prazer que contemplamos uma bela floresta. Os troncos das árvores, como os das faias e dos abetos, são mais belos e mais altos do que as mais magníficas colunas; as abóbodas de verdura são mais graciosas e ousadas do que as dos nossos monumentos. De dia, vejo os raios do sol penetrar na densa folhagem e pintar na terra, com mil tons de verdura, misturas de sombras e de luz; à noite, vejo os astros surgir aqui e ali nas copas das árvores, que parecem transportar estrelas nos seus ramos; é um templo augusto, com as suas colunas, os seus pórticos, os seus santuários e as suas luzes; mas os alicerces da sua arquitetura são ainda mais admiráveis do que a sua altura e os seus adornos. Esse imenso edifício é móvel, o vento sopra, as folhas agitam-se e parecem de duas cores; os troncos e os ramos oscilam e fazem ouvir ao longe murmúrios religiosos (Bernardin de Saint-Pierre, 1818 apud Dumas, 2007, p. 27).

Representações de árvores sagradas foram encontradas em cilindros assírios e caldeus e, em períodos ligeiramente posteriores, em templos (Gonçalves, 1974).

¹ Poesia escrita com uso de ChatGPT, sob o comando de Eraldo Medeiros Costa Neto.

Presente em diversas culturas ao redor do mundo, a árvore é frequentemente vista como um símbolo de vida, crescimento, renovação e conexão entre o céu e a terra. Sua importância transcende o físico, adentrando o reino do sagrado, desempenhando um papel central nas tradições espirituais de diferentes povos.

Culturas em todo o mundo reverenciaram árvores específicas como sagradas, considerando-as moradas de divindades, espíritos ancestrais ou portais para outros mundos (Mota, 1997; Young, 2016). Determinadas espécies vegetais consideradas sagradas estão associadas a diferentes religiões: Hinduísmo – *Saussurea obvallata* (DC.) Edgew., *Ocimum sanctum* Linnaeus, *Ficus religiosa* Linnaeus; Cristianismo – *Olea europaea* Linnaeus, *Ziziphus spina-christi* (Linnaeus) Desf.; Budismo – *Terminalia chebula* Retz., *Ficus benghalensis* Linnaeus; Jainismo – *Cedrus deodara* (Roxb.) G. Don, *Terminalia bellirica* (Gaertn.) Roxb.; Islamismo – *Salvadora persica* Linnaeus, *Tamarix aphylla* (Linnaeus) H.Karst. (Kala, 2017).

No antigo Egito, muitas divindades viviam em árvores, especialmente os sicômoros (*Ficus sycomorus* Linnaeus, Moraceae): “acreditava-se que tais árvores existiam na borda do deserto, que dividia este mundo do outro, de tal forma que as almas que partissem desta vida receberiam dos deuses, nos sicômoros, água e suprimentos para a travessia” (Gonçalves, 1974, p. 310). Na Grécia, o oráculo de Dodona se expressava “pelas folhas do carvalho de Zeus, que se punha a tremer e era interpretado pelas sacerdotisas do culto” (Brosse, 1989, p. 5).

Nos tempos modernos, as árvores sagradas continuam a ser um símbolo de resistência e de luta pelos direitos ambientais e culturais. Em várias partes do mundo, comunidades ainda se reúnem em torno de árvores sagradas para praticar rituais antigos e reafirmar sua identidade cultural. As árvores, portanto, permanecem como um elo entre o passado e o presente, preservando a sabedoria ancestral em suas raízes profundas e em seus ramos que se estendem em direção ao céu (Seeland, 1997). Vestígios de florestas sagradas subsistem na Índia, China e Japão, como também entre os berberes da África do Norte. Quem cortar uma de suas árvores, sem o devido consentimento dos espíritos do bosque, geralmente é punido com a morte (Brosse, 1989).

Outrora a floresta sagrada era o único santuário. Ela inspirava veneração e terror, sendo o acesso à mesma interditado através de severas proibições, mas ela era também o local de reunião dos iniciados que, ali, recebiam dos próprios sacerdotes os ensinamentos secretos. A floresta sagrada foi a ancestral do templo, cujas colunas, a princípio, eram árvores, e depois

inspirou a igreja cristã, que ainda hoje a evoca com seus pilares e colunas distribuídos pela penumbra nela reinante e pela luz suave e colorida de seus vitrais (Brosse, 1989, p. 5).

As árvores sagradas também simbolizam a interconexão entre a humanidade e a natureza. Elas nos lembram da importância de preservar o meio ambiente e de viver em harmonia com o mundo natural. Em tempos modernos, essa reverência pelas árvores se manifesta em movimentos ambientais que buscam proteger florestas antigas e espécies ameaçadas. O presente artigo explora, de maneira breve, a magia e a mística das árvores sagradas e como elas se entrelaçam com a mitologia e a religião de diversas civilizações.

O simbolismo das árvores sagradas

As mais antigas culturas que conhecemos ilustravam com a imagem de árvores suas alegorias:

Quando Osíris foi assassinado por seu irmão Seth, seu corpo foi atirado ao mar e chegou até Biblos, onde uma árvore da família das ericáceas cresceu ao redor de seu corpo e o envolveu. A árvore foi cortada pelo rei e se tornou um pilar de sua moradia, mas acabou sendo levada para o templo de Ísis, onde foi adorada pelo povo. Os templos egípcios sempre possuíam uma ou mais árvores sagradas, preferencialmente sicômoros, acácias ou tamareiras, onde habitava alguma divindade (Hubner, 2014, p. 23).

Plantar uma árvore no meio de uma praça e em torno dela fazer uma festa faz parte de uma longa tradição:

Deste as sociedades arcaicas que o homem utiliza um madeiro – árvore, estaca, poste ou mastro – nos rituais de consagração do espaço ou para invocar a proteção do Deuses. Esse costume chegou até os nossos dias através dos mastros que sustentam as bandeiras dos santos cristãos (Couto, 1998, p. 31).

As árvores sagradas são frequentemente associadas a ideias de eternidade e imortalidade. Chetwynd (1982, p. 404, tradução livre) lembra-nos que “Por viver várias centenas de anos, as árvores mais antigas abrangem dez ou mais gerações humanas, tornando-se em vista disso um símbolo da árvore familiar que se expande a cada geração”. A capacidade das árvores de florescer após períodos de dormência, como o inverno, inspira uma profunda conexão com os ciclos naturais de morte e renascimento. Este ciclo é evidente na mitologia nórdica com a Yggdrasil, a árvore do mundo que conecta os nove reinos da cosmologia nórdica. A Yggdrasil, um freixo

imponente, é um microcosmo do universo, sustentando a vida e representando a continuidade entre o mundo dos vivos e dos mortos.

É na maior e melhor de todas as árvores, o freixo, que os deuses pronunciam julgamentos todos os dias. Seus galhos espalham-se sobre o mundo e erguem-se por sobre o céu. Suas raízes penetram no abismo. E seu nome, Yggdrasil, significa “o cavalo de Ygg”, cujo outro nome é Odim; pois esse grande deus certa vez ficou pendurado naquela árvore por nove dias, como uma forma de auto-sacrifício (Campbell, 1992, p. 106).

Por outro lado, destaca Chetwynd (op. cit., p. 405, tradução livre) “as árvores perenes, como o visco e a árvore de Natal [representam] o lado eterno da vida – tudo que permanece, em contraste com o que muda a cada estação”.

Lascariz (2011) nos revela que a árvore é, muitas vezes, a essência da Grande Mãe do Céu e não há um xamã na Sibéria que não e canse de dizer que os xamãs nasceram da Grande Árvore.

Para muitos xamãs, a árvore sagrada por excelência não é a árvore frondosa do freixo ou da bétula, ou o sempre verdejante abeto, mas a árvore calcinada pelo raio. Nua, negra e orgulhosamente de pé, trazendo na calcinação do seu tronco a marca mutilante do raio, esta árvore apresenta a singularidade de ter sido escolhida pelos espíritos dos raios, a mais poderosa e temível expressão do Fogo do Céu. Nua e negra, sacralizada pelo raio, ela transformou-se numa gigante estaca bifurcada, rangendo com seus ramos esqueléticos erguidos para as alturas do céu. O raio inverteu a ordem do universo ao transformar a árvore, antes frondosa, numa árvore cujos ramos mimetizam, agora encurvados, as raízes debaixo da terra. A árvore tocada pelo raio transforma-se na árvore invertida e seca, de que os textos sagrados da Índia, como os Vedas, falam com profunda reverência. Esta árvore invertida é, sem dúvida, a primeira estaca sacrificial do xamã, cujos sonhos e pesadelos iniciáticos rememoram recorrentemente (Lascariz, 2011, p. 253).

No Hinduísmo, as árvores têm um lugar central na vida espiritual. A figueira-de-bengala (*Ficus benghalensis*), conhecida como a árvore de Banyan, é considerada sagrada, representando a eternidade e a imortalidade. De acordo com a tradição hindu, o deus Krishna descansou sob uma figueira-de-bengala, o que reforça seu status sagrado. Outro exemplo é a árvore Bodhi (*Ficus religiosa*), sob a qual Siddhartha Gautama, o Buda, alcançou a Iluminação. Assim, a árvore Bodhi simboliza a iluminação espiritual e a sabedoria.

Na mitologia celta, o carvalho é uma das árvores mais veneradas, frequentemente associada à força, sabedoria e resistência. Os druidas, sacerdotes celtas, realizavam rituais sob carvalhos, acreditando que essas árvores eram moradas dos deuses e que possuíam poderes curativos e oraculares. Chetwynd (1982) também

indica que o carvalho está associado ao dom da profecia, obtida quando se escuta, em um estado passivo, a voz da natureza que se manifesta pelo ruído do vento nas folhas. O nome “druida” pode ter derivado da palavra celta para carvalho, “duir”, indicando a profunda reverência que esta cultura tinha pela árvore.

A astrologia celta, baseada nas árvores, simbolizava a vida e a proteção, e os druidas, inspirados na magia das árvores, criaram um horóscopo protetor, em que cada árvore consagrada a um deus representava uma determinada virtude (Abalada, 2009). Assim, o horóscopo druídico apresenta 21 árvores: duas que correspondem aos equinócios e duas aos solstícios, sendo as dezessete restantes distribuídas por períodos equidistantes e contrapostos do calendário.

[...], cada pessoa que nascesse durante o período de uma específica árvore recebia não só as suas características como também a sua protecção durante toda a vida. Para aumentar os poderes de cada uma dessas árvores era importante que a pessoa tivesse alguma coisa feita da madeira da árvore a que correspondia o seu signo, como também o elemento que simbolizasse a sua árvore, para que as suas características e propriedades terapêuticas pudessem agir sobre si, para além da protecção e sorte que lhe trouxesse (Abalada, 2009, p. 95).

No norte da Índia, no 11º dia do mês de *falgun* (fevereiro), são feitas oferendas aos pés de *Phyllanthus emblica* Linnaeus (Phyllanthaceae): uma fita vermelha ou amarela é atada à volta de seus troncos e orações lhes são dirigidas pela fertilidade das mulheres, dos animais e da terra (Frazer, 1982).

No Japão, as árvores chamadas “shinboku” são consideradas moradas dos kami, espíritos divinos do Xintoísmo. Essas árvores são muitas vezes cercadas por cordas de palha chamadas “shimenawa”, que servem para indicar que o local é sagrado e deve ser respeitado.

Para muitas culturas indígenas ao redor do mundo, as árvores são vistas como ancestrais e entidades espirituais. Entre os povos indígenas da Amazônia, a samaúma (*Ceiba pentandra* Gaertn., Malvaceae) é conhecida como a “mãe das árvores”, uma conexão viva entre o céu e a terra, e uma protetora das florestas. Os povos da América do Norte, como os Lakota, reverenciam a árvore do algodão (*Populus deltoides* W.Bartram ex Marshall, Salicaceae) durante a cerimônia do Sundance, na qual ela simboliza o centro do universo e a conexão entre todas as formas de vida.

A árvore da vida é um símbolo proeminente nas tradições judaico-cristãs. No Gênesis, a árvore da vida está plantada no Jardim do Éden, oferecendo frutos que

concedem a vida eterna. Enquanto para os cristãos a árvore do conhecimento do bem e do mal traz a queda do homem, a árvore da vida representa a graça divina e a promessa de imortalidade. Este símbolo é ecoado em várias outras tradições religiosas e espirituais, sendo uma metáfora poderosa para a vida eterna e a interconexão de todos os seres. Mas a origem dessas duas árvores encontra-se na Bíblia Hebraica, que consiste da *Torá: A Lei de Moisés*, e no “*Talmud* [...] uma das obras fundamentais do Judaísmo, considerada sua ‘lei oral’”, conforme distingue Hubner (2014, p. 17, nota de rodapé, grifos do autor). Esse autor ensina que “Os frutos destas duas árvores são capazes de proporcionar aos humanos presentes divinos, a imortalidade e o conhecimento divino, respectivamente” (Hubner, 2014, p. 16). Pois a árvore da vida está relacionada à vida eterna, enquanto a árvore do conhecimento indica o caminho que leva à sabedoria. Hubner (2014, p. 17) informa que “a Árvore do conhecimento do bem e do mal é identificada pelos sábios do Talmud com três diferentes vegetais: a parreira (videira), a figueira ou algum tipo de cereal”. Essas plantas, por sua importância na Antiguidade para a alimentação dos povos, adquiriram caráter simbólico em várias culturas além da judaica.

Na Bíblia, o gênero *Ficus* aparece em parábolas nos ensinamentos de Jesus como uma referência ao estilo de vida dos fiéis, sendo que uma figueira que não dá frutos deve ser cortada. No livro do Gênesis, há uma referência a Adão e Eva que teriam se coberto com folhas de *Ficus carica* Linnaeus devido à vergonha de estarem despidos ao serem expulsos do Paraíso. Judas teria tirado sua vida após trair Jesus, enforcando-se numa figueira (Gonçalves, 2012; Fernandez et al., 2017). No Apocalipse, há uma referência a essa árvore quando da abertura dos primeiros seis selos: “E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte” (Bíblia, Ap 6, 13, p. 200).

O fruto da videira foi largamente utilizado desde a Antiguidade em festas e rituais mágicos. Amui (2007, p. 61) lembra que “o vinho desempenhou também funções simbólicas que podem ser percebidas tanto na religião quanto na mitologia da Mesopotâmia. Um dos fatores determinantes do simbolismo do vinho na região é a relação da bebida com a sedução, o erotismo e a sexualidade”.

A tamareira foi essencial para o desenvolvimento das culturas do Oriente Médio e, por sua vez, recebeu a estatura de uma árvore sagrada portadora de vida do conhecimento. “Na Babilônia e Assíria, a árvore sagrada, em especial a tamareira, representava a fonte da vida, e seus ramos e folhas irradiavam um poder místico”

(Hubner, 2014, p. 24). Ela está presente mais de 30 vezes na Bíblia e 26 no Alcorão; no âmbito do Islamismo, acredita-se que o próprio Maomé criou a tamareira (Gray, 2018).

Antigos festivais destinavam-se a assegurar a fertilidade e, inicialmente, a árvore escolhida era a tamareira. As ilustrações associadas à tâmara frequentemente mostram um rei ou sacerdote aproximando-se da tamareira trazendo um objeto parecido com um cone de pinho, que representa a flor masculina da palmeira, pois era necessário fertilizar artificialmente as tamareiras para se obterem boas colheitas (Gonçalves, 1974, p. 311-312).

O papel das árvores sagradas em rituais e tradições

As árvores sagradas também desempenham papéis fundamentais em rituais religiosos e tradições culturais. Em muitas culturas, elas são locais de oferendas, orações e meditação. Na África Ocidental, baobás são reverenciados e frequentemente servem como local de reuniões comunitárias e cerimônias espirituais.

A árvore de *obí* é um importante instrumento de divinização, com o qual, devidamente manipulado, se presta a manter contato com divindades e ancestrais. Os rituais de Candomblé no Brasil são dependentes do uso do *obí* nos ritos de sacrifício e no ritual de *bori* (Beniste, 2026, p. 136).

Em muitas culturas, certas plantas são consideradas sagradas devido às suas propriedades psicoativas, que são usadas em rituais religiosos para induzir estados alterados de consciência e promover experiências de transcendência espiritual (Schultes; Hoffmann, 1980; Sangirard, 1989). Essas experiências com plantas são frequentemente descritas como místicas ou sagradas, envolvendo um senso de unidade com o cosmos ou uma presença divina (Neves, 2017).

Para os adeptos da União do Vegetal, certas plantas são consideradas sagradas. Segundo Fernandes Neto *et al.* (2023, p. 10), “a apreciação e o respeito por essas plantas podem estar enraizados na filosofia e nas crenças da União do Vegetal, refletindo uma profunda conexão entre os membros e o mundo natural”. As duas espécies predominantes tidas como sagradas são *Banisteriopsis caapi* (Spruce ex Griseb.) Morton. e *Psychotria viridis* Ruiz e Pav. Elas são vistas como portadoras de profundos significados espirituais e facilitadoras do contato com o divino.

As árvores sagradas no Brasil

As árvores sagradas no Brasil desempenham um papel crucial nas tradições espirituais e culturais, conectando as comunidades com o passado, a natureza e o mundo espiritual. Ao valorizar essas árvores, reconhecemos a riqueza da herança cultural e a importância da

preservação tanto do ambiente natural quanto das tradições espirituais que lhe estão associadas. Para os povos indígenas que têm intimidade com as florestas, as árvores podem representar estados de ânimo. É assim que, Cristine Takuá (2019, p. 3), na roda de conversas *Biosfera* durante o *Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida*, manifestou: “As pessoas andam muito adoecidas, me parece. Adoecidas no sentido de um vazio: como uma árvore que é um pau oco por dentro. Que ele só por fora é pau, mas por dentro é oco. Parece-me que muitos estão ocos por dentro”.

Há vários exemplos de árvores sagradas no Brasil. Seleccionamos algumas, descritas a seguir:

Jequitibá (*Cariniana legalis* [Mart.] Kuntze)

O jequitibá é uma das árvores mais antigas do Brasil, podendo viver por mais de mil anos. Para várias comunidades indígenas, essa árvore é um símbolo de resistência e longevidade. O jequitibá-rosa, em particular, é conhecido como a “árvore-mãe” e é reverenciado por sua grandiosidade e idade.

Jurema (*Mimosa tenuiflora* [Willd.] Poir.)

Na cultura do Nordeste brasileiro, especialmente entre os praticantes do catimbó, a jurema é uma árvore sagrada utilizada em rituais religiosos. A bebida feita a partir de sua casca, conhecida como “vinho da jurema”, é considerada um meio de comunicação com o mundo espiritual. A jurema tem um papel central nos rituais da Jurema Sagrada, sendo vista como um portal para outras dimensões espirituais (Santos et al., 2014).

Baobá (*Adansonia digitata* Linnaeus)

Originário da África, o baobá foi trazido ao Brasil durante o período da escravidão e é considerado sagrado em várias religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Ele é associado a ancestrais e é frequentemente plantado em terreiros de candomblé, onde é tratado com grande respeito. A árvore é vista como um símbolo de resistência e ancestralidade.

Pau-brasil (*Paubrasilia echinata* [Lam.] Gagnon, H.C.Lima & G.P.Lewis)

O Pau-brasil, além de ser a árvore que deu nome ao país, possui um significado simbólico em várias culturas indígenas. Embora tenha sido explorado intensamente durante o período colonial, ele ainda é reverenciado em algumas tradições como um símbolo de

identidade nacional e espiritualidade.

Umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda)

O umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda) é uma espécie nativa do semiárido brasileiro que pode viver mais de cem anos suportando as mais severas condições de escassez de água. Conhecida como a “árvore sagrada da seca”, o umbuzeiro é importante para a população do semiárido por fornecer água, que é armazenada em suas raízes, e frutos para consumo humano e animal (Nascimento et al., 2016).

Gameleira (*Ficus* spp.)

O gênero *Ficus*, pertencente à família Moraceae, inclui diversas espécies consideradas sagradas. No Candomblé de tradição Keto, temos o orixá Iroko ou Irocô, que no Brasil é associado à gameleira (*Ficus insipidam* Willd.), enquanto na África é associado à árvore *Milicia excelsa* (Welw.) C.C. Berg. Corresponde ao vodum Locô no Candomblé Jeje e ao inquice Tempo no Candomblé Banto. Ele representa o tempo e rege a ancestralidade.

Aroeira (*Schinus* sp.)

No Candomblé, Exu é o orixá mensageiro, que abre os caminhos. Uma de suas árvores sagradas é a aroeira (*Schinus* sp.) (Carvalhosa, 2011).

Cajazeira (*Spondias mombin* Linnaeus, Anacardiaceae)

No culto afro-brasileiro da Casa das Minas, no Maranhão, a cajazeira é a planta mais importante do “gume” (terreiro) e singular no contexto brasileiro. As folhas são utilizadas para banhos, “amansis” de purificação e para forrar o chão do “pegi” (espaço triangular sagrado) durante certas cerimônias (Berg, 1991).

Considerações Finais

A magia e a mística das árvores sagradas são um testemunho da profunda conexão que as culturas humanas têm com a natureza. Elas são símbolos poderosos de vida, crescimento, sabedoria e transcendência espiritual. Ao longo dos tempos, as árvores sagradas têm inspirado respeito, admiração e devoção, servindo como um lembrete constante da sacralidade do mundo natural e do nosso lugar nele.

As árvores sagradas, em suas diversas manifestações ao redor do mundo, são mais do que simples elementos da paisagem. Elas são símbolos poderosos de vida, conexão

espiritual e continuidade. Na mitologia e religião, as árvores servem como pontes entre o humano e o divino, entre o terreno e o celestial.

No mundo moderno, embora muitas dessas tradições possam ter se perdido ou mudado, o respeito pelas árvores como símbolos de vida e espiritualidade continua a ecoar em muitas partes do mundo, destacando a importância de manter viva a conexão com a natureza e as tradições ancestrais.

Ao entendermos e respeitarmos a mística das árvores sagradas, somos lembrados da importância de viver em harmonia com a natureza e de reconhecer a sacralidade que permeia o mundo natural.

Referências

ABALADA, D. L. **Horóscopos ocultos da natureza**: a astrologia dos xamãs, dos druidas e dos alquimistas. Sintra: Zéfiro, 2009.

AMUI, J. M. **Vinho**: uma imagem arquetípica. 2007. Dissertação de Mestrado (Psicologia clínica). São Paulo: PUC, 2007.

BENISTE, J. **Mitos Yurubás**: o outro lado do conhecimento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

BERG, M. E, van den. Aspectos botânicos do culto afro-brasileiro da Casa das Minas do Maranhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Botânica**, v. 7, n. 2, p. 485-497, 1991.

BÍBLIA. **Bíblia sagrada da Graça de Deus**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BROSSE, J. A árvore sagrada. *O Correio*, n. 3, p. 4-9, 1989.

CAMPBELL, J. **As máscaras de Deus**. São Paulo: Palas Athena, 1992. CARVALHOSA, C. **Nice to meet you**. Milano: Charta, 2011.

CHETWYND, T. **A dictionary of symbols**. Londres: Paladin Books, 1982.

COUTO, E. S. O mastro sagrado: da florestas à fogueira. **Ideação**, n. 2, p. 31-43, 1998.

DUMAS, R. **Tratado da árvore**: ensaio de uma filosofia ocidental. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arqueologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 2002

ELIADE, M. **Traité d'histoire des religions**. Paris: Payot, 1949.

FERNANDES NETO, F. *et al.* Management and conservation of natural resources in the recovery of degraded areas through ethnobotany. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, v. 1, n. 12, e2023006, 2023.

FERNANDEZ, V. **As figueiras (*Ficus spp.*) que foram deixadas para trás**: a história da paisagem revelada a partir de indivíduos remanescentes na Serra da Carioca, Maciço da Tijuca, RJ. 2017. (Geografia e Meio Ambiente) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

FRAZER, J. G. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S. A., 1982.

GONÇALVES, A. As árvores sagradas. In: ALZUGARAY, D.; CARTA, L.; FASANO, F. (eds.). **Homem, mito e magia**. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974. p. 310-314.

GRAY, F. **Palm**. London: Reaktion Books, 2018.

GONÇALVES, G. **Propagação e desenvolvimento inicial de *Ficus adhatodifolia* Schott ex Spreng. (Moraceae) em diferentes temperaturas, intensidades luminosas e substratos**. 2012. Dissertação (Agronomia) - Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2012.

HUBNER, M. M. Um olhar sobre as árvores sagradas na bíblia hebraica. **Revista Vértices**, n. 16. São Paulo: USP, 2014.

LASCARIZ, G. **Quando o xamã voava**: sonho, erotismo e morte no Xamanismo. Sintra: Zéfiro, 2011.

MATTIMORE, C.; STAR WOLF, L. **Sacred messengers of shamanic Africa**: teachings from Zep Tepi, the land of First Time. Rochester: Bear & Company, 2018.

MERCIER, M. **Iniciação ao xamanismo e à magia natural**. São Paulo: Pensamento, 1983.

MOTA, C. N. **Jurema's children in the forest of spirits**: healing and ritual among two Brazilian indigenous groups. Londres: Intermediate Technology Publications, 1997.

NASCIMENTO, T. V. C.; NOGUEIRA, D. M.; CAVALCANTE, N. B. Productive performance and parasitological control of kids supplemented with umbu fruits (*Spondias tuberosa* Arruda). **Rev. Bras. Saúde Prod. Anim.**, v. 17, n. 3, p. 520-528, 2016.

NEVES, C. **O processo de patrimonialização da ayahuasca no Brasil**: conquistas, disputas e tensões. 2017. 217f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, J. E. **As plantas na cultura indígena brasileira**: reflexões antropológicas. Campo Grande: UFMS, 2014.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, R. **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. São Paulo: Pallas, 2012.

RIBEIRO, B. G. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANGIRARD, J. **O índio e as plantas alucinógenas**. 2. ed. São Paulo: Tecnoprint S.A, 1989.

SANTOS, E. A.; SANTOS, J. M.; SANTANA, A. E. G. Ethnographic notes on the use of jurema

(*Mimosa tenuiflora*) (Willd.) Poir. by the Pankararé Indians (Northeast Brazil).
Revista Ouricuri, v. 4, n. 3, p. 103-113, 2014.

SCHULTES, E.; HOFFMANN, A. **The botany and chemistry of hallucinogens**. 2. ed.
Springfield: Charles Thomas, 1980.

SEELAND, K. Introduction. In: SEELAND, K. (ed.). **Nature is culture**: indigenous knowledge and socio-cultural aspects of trees and forests in non-European cultures. Londres: Intermediate Technology Publications, 1997. p. 1-6.

SHIRATORI, K. O olhar envenenado: a perspectiva das plantas e o xamanismo vegetal jamamadi (Médio Purus, AM). **MANA**, v. 25, n. 1, p. 159-188, 2019.

TAKUÁ, C. **Seres criativos da floresta**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2019.